

Sur. Redactor do "boas"

(Um professor pede-lhe o obsequio de publicar este artigo sobre, assumpto que diz respeito á sua classe e que vem sendo ventilado ^{nesta} ~~sua~~ secção).

Leito acompanhado, com vivo interesse, a discussão que se vem travando em torno da necessidade da criação de um organo orientador, ou se o nome ameaça alguns plunitivos, direi esordenador das energias dos docentes do "Instituto de Educação de Niteroy."

Não sei mesmo por que sustivo e ataca uma idéa tão feliz, como a que se procura dar corpo, emergindo e impondo-se ao mais ligeiro exame da questão, e já realizada, de longa data, em mais de um de nossos estabelecimentos de ensino secundario.

O que antes se deve estranhar é que ella não fosse, ha mais tempo, posta aqui em practica, para bem do nosso ensino e proveito dos educandos.

Nem se diga que os factor referentes a cada disciplina,

podem ser tractados em reuniões
lectiva, da Congregação por ex-
plo. Só incumbe a esta Tom
medidas de caracter geral, a
ciar dos casos que se refere
ao interesse commum de alu-
mnos e professores, nunca,
rem, interferir naquillo que e
do dominio exclusivo dos
Tes.

A estes é que compete a
colha dos livros a serem ac-
ptados no correr do anno le-
ctivo, a organização da lista
de pontos para cada prova
parcial, a selecção dos Themas
escriptos ou oraes para as su-
classes, etc. É verdade que tudo
isto se vem fazendo naque-
lo casa, mas individualmente, sem
plano de conjuncto, cada um
para a sua Turma.

Tal professor, numa classe, ad-
pta um compendio; Tal, em ou-
tra, do mesmo anno, ordena
a acquisição de compendios differ-
rentes; uns acham que a ordem
dos pontos do programma é
bitraria assim como lá se ^{encontra} ~~ach~~
disposta, fazendo para o seu uso
particular uma distribuição que
suppõem mais racional; outros, ao

contrário, Tecem lões as organiza-
dores do programma officio
por haverem seguido a única
ordem imposta pela logica.

Esta, em linhas gerais, a si-
tuacão em que se encontra
não só o educandário pa-
do Estado, como todos onde, ha-
vendo multiplicidade de doc-
tes em cada materia, não ha
todavia, um organ coordena-
das suas actividades.

Nem colhe o argumento a
que toca ao professor a ini-
ciativa de se congregarem para re-
ver os problemas attinentes
a suas cadeiras.

Quem, por ventura, quizerá to-
mar a si essa iniciativa? Mas
no caso de que algum se a-
pouha a isso, como interpretarão
os colegas o seu acto? Verão
estes, na attitude do companhe-
apenas um intuito nobre, desin-
teressado, de contribuir para o
bem do ensino ou a encararão
com desconfiança e hostilidade,
brigando segundas intenções e
interesses pessoais, onde ape-
soma existe o desejo de bem servir a
instrucção? E poderá uma reunião
assim ser coroada de bom êxito,

É muito discutível que o seja dada a independência e a falta de ligacões entre os que exercem o arduo mister de ensinar.

Além disso, ninguém ignora que os professores do "Instituto de Educação", trabalhando às vezes em horas desconhecidas, difficilmente se defrontam dentro do estabelecimento, para uma ligeira troca de idéas.

De tudo o que fica exposto se conclue ~~que~~ a necessidade da criação de um organo controlador, orientador, ou que melhor nome lhe quader, para que ensaios, tornando-se uniforme, se ve, por isso mesmo, mais produtivo.

Como é facil ver, não se trata em absoluto da questão methodo, que é algo subjectivo individual; nem tão pouco de diminuir ao docente a liberdade de cathedra. Neste particular, tudo continuaria como dantes.

O que se quer tão somente estabelecer é uma cooperação mais íntima entre os professores, a fim de que da conjugação dos seus esforços, num mesmo sentido, resulte maior efficiencia pedagógica.

5
Levar a questão para outro terreno é torcer o curso natural das coisas, ou, na melhor das hypotheses, lançar a confusão e a balbúrdia nos espiritos que andam atentos ao debate.
